



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 58-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Tullaba-Lisboa — Telefone 5339 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A QUESTÃO DOS ELÉCTRICOS

### O novo assalto

A Companhia diz que não tem dinheiro e todavia espalha-o pela imprensa venal

A Companhia Carris quer outro aumento, como *A Batalha* tem dito. Não se limita a pedir uma bagatela; não se contenta com menos de 100%. Nós sabemos o que são para o Sindicato de Santo Amaro os aumentos de 100%; ou coisa que o valha. De todas as vezes que a Companhia solicita novo aumento é sempre o estorço necessário para o equilíbrio das suas finanças. Afinal tem-se verificado que, após uma extorsão, a Companhia se prepara imediatamente para outra extorsão.

E' preciso que a moral dos directores do Sindicato de Santo Amaro esteja muito avariada para se chegar a este impudor, para se ludibriar o público desta forma descarada e vil. Há humidos que não tem coragem de praticar o que os directores da Companhia Carris de Ferro tem praticado, com uma leveza de animo, com uma naturalidade que nos obriga a perguntar a nós próprios se dentro daqueles peitos existem realmente corações sensíveis, se naqueles cérebros não afloraria nunca um pensamento altruista, humanitário.

Os aumentos sucessivos que a Companhia Carris tem feito constituem autênticas espolações. Estas espolações tem sido feitas de cumplicidade com a imprensa e com o consentimento da Câmara Municipal.

#### Os preços actuais já são insuportáveis

Os preços actuais são pesados, representando para o povo, para os que trabalham um sacrifício pesado, pesadíssimo mesmo. O orçamento caseiro foi sensivelmente agravado. O povo vive numa atmosfera de asfixia. A carestia dos géneros é já canga esmagadora. O povo está farto de aumentos. As zonas foram reduzidas e mesmo assim aumentados os preços dos respectivos bilhetes. A distância que se percorria antigamente nos carros de luxo por \$03 e nos do povo por \$01, custa-nos agora \$15. Esta é que é a verdade incontestável. Como podem operários, que não ganham mais

## Sempre os senhores!

### Um "gaiteiro" que queria agredir um inquilino

Serafim da Silva Musqueira é um gaiteiro célebre. O atestado de gaiteiro não honra ninguém; também não pode honrar o sr. Serafim Musqueira. Este Musqueira, em Novembro de 1920, teve um capricho, capricho que temido quasi todos os senhores de Lisboa: quis pôr na rua os seus inquilinos. Para quê? Os leitores já o sabem — para aumentar as rendas. Nem podia ser para outra coisa.

Porém, os inquilinos não se deixaram emburrar pelas cantigas melancólicas do sr. Serafim e depositaram na Caixa Geral dos Depósitos a importância das rendas.

Um dos inquilinos que mais trabalhou pela causa dos moradores foi o operário Angelino Magalhães da Costa, empregado nos correios e telégrafos. O senhorio nunca mais pôde esquecer a acção deste inquilino. Passou a odiá-lo, jurou vingança. Ontem, o que o Serafim bebeu, ao que parece, uns copos a mais, foi precisamente o dia escolhido para a feroz vingança. Assim, pôs-se o Serafim junto do prédio, que fica situado ali ao Alto do Pina, na Rua E, letras H, D, F, à espera de Angelino Magalhães da Costa.

Quando este se aproximou de casa, o Serafim sentiu que todas as contradições realizadas pelos inquilinos lhe subiam à cabeça, de mistura com o carasso. E puxou dum pistola para o inquilino. Foi este mais pronto e decidiu, porque não tinha bebido o que o seu inimigo ingerira e deteve-lhe o gesto homicida.

Por acaso, o guarda n.º 1874, que morando no mesmo prédio assistia a scena, interveio a tempo. E, para a esquadra do Alto do Pina foram os indivíduos em questão: inquilino e senhorio. Resultado: o senhorio ficou detido no calabouço da esquadra, por homicídio frustrado. Há testemunhas do ocorrido. O senhorio não só quizer agredir o inquilino como a mãe deste, que tentara intervir também.

Veremos agora o que faz a justiça a um homem que depois de querer roubar o seu inquilino ainda por cima o quiz agredir com uma pistola.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Atmosfera cristã

Todo o mundo sabe que a Revolução comunista na Hungria foi das mais pacíficas, das mais benéficas, devendo a sua queda precisamente a essa benevolência. Lá não se mataram burgoes, como o monárquico e católico Martínez Anido mandou assassinar operários nas ruas de Barcelona. Não, os comunistas limitaram-se a mandar trabalhar os que na ociosidade viviam. Pois qualquer Agnus no *Correio da Manhã*, com um impudor assombroso, dizia ontem num artigo:

Na Hungria andou-se a perseguição violenta que se viu no catolicismo durante o governo comunista da Hungria. Pizaram-se as maiores violências contra os judeus. Agora, porém, passada essa onda ao seu estado normal, a nação de S. Estevão respira cristãmente.

Os leitores não conhecem de que forma a nação de S. Estevão respira cristãmente? Temo-lo ouvido fielmente na *Batalha*. Temo-lo ouvido da boca de alguns que lá estiveram. A atmosfera cristã que lá se respira é de tortura, de enforcamento, de barbaridade.

Mas, pode na verdade a atmosfera cristã ser diferente da que se respira actualmente na Hungria?

### A maneira do "ex"

O sr. Alfredo Pimenta é um homem de letras que de quando em vez se revolta contra as letras. Ontem, no *Correio da Manhã*, o sr. Alfredo Pimenta dava largas à sua indignação. Embrorou com as iniciais, porque lhe fazem confusão ao cérebro delicado. Alfredo Pimenta é aquele cavalheiro muito fino... de grosso monóculo no olho e muitos livros na mão, que costuma parar à porta das livrarias. Pois, o cérebro fino de Pimenta não pode suportar o facto de se designarem certas colectividades por iniciais. Diz, ele: «Temos o C. T. (Correio e Telégrafos), O. N. (União Operária Nacional) etc.» Conviém, porém, existir a memória do sr. Pimenta. Não existe a U. O. N. Poderíamos participar ao sr. Alfredo Pimenta que a ex-União Operária Nacional é actualmente a C. G. T. Mas o articulista não nos dá essa liberdade, não nos fornece o esboço de línguas agradáveis, porque os seus nervos não suportam as iniciais, nem a partícula ex. De forma que se torna completamente impossível comunicar com o sr. Alfredo Pimenta, infelizmente fixo no passado. E para cúmulo de infelicidade estamos escrevendo sobre Alfredo Pimenta monárquico, monárquico actualmente, porque Alfredo Pimenta é ex-anarquista... Mas, já como havemos agora de calar esta bota, se o sr. Pimenta quer abolir também a partícula ex?

### Sobre desastres no trabalho

Uma conferência de Ladislau Batalha na Universidade Livre

No próximo sábado realiza na Universidade Livre, pelas 21 horas, uma conferência sobre *Desastres no trabalho* o sr. Ladislau Batalha, assunto de máximo interesse para todas as classes que estão compreendidas na lei dos accidentes de trabalho.

E' de esperar grande concorrência, em virtude da competência especial do conferente.

## CONFERÊNCIAS

### Faculdade de Ciências

Continua hoje, às 12 horas, o dr. sr. Pavia de Vasconcelos a série das suas notáveis conferências públicas sobre os *Filósofos modernos*.

O tema da conferência que se realiza no auditório de física é: *O Pluralismo e o Idealismo*.

### Prisões inexplicáveis

Comunica-nos a Federação dos Trabalhadores Rurais que o regedor de Alameda Nova de S. Bento mandou apresentar no quartel da guarda republicana os trabalhadores rurais Miguel Simão Quaresma, Domingos Gonçalves Grilo, Bento Rosa, João de Mira Carrasco e Francisco Toulcinho, que nem sequer é sindicalista.

O resultado deste mandado de apreensão foi ficarem todos aqueles rurais presos. O motivo destas prisões é ainda segredo do sr. regedor.

Como se vê, a liberdade dos trabalhadores está assim à mercê dos caprichos dum senhor qualquer.

Estes presos foram transportados para Serpa.

Suspeita-se que estas prisões tenham sido motivadas por causa dum greve realizada em Novembro.

Acaso a greve será agora delicto punível pela lei? Já não há o direito de reivindicar regalias justas e humanas? Parece que não.

### A Alemanha

protesta contra as medidas dos aliados

BERLIM, 19. — O governo alemão protestou, numa nota dirigida à Conferência dos Embaixadores, bem como aos governos aliados contra o estabelecimento de linha aduaneira no Reno e a ocupação militar, medidas que classificam de flagrantes transgressões do tratado de Versalhes.

O governo do Reich insurge-se também contra o facto de serem empregados no novo regime aduaneiro, como empregados de alfândega, indivíduos de nacionalidade alemã. — *Rádio*.

## NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Um *alfacinha*, — estou em dizer que de pureza duvidosa, pois já daqui lhe vislumbro ascendência provinciana — escreve na *Imprensa de Lisboa* da noite de anteontem o seu parecer a respeito do congestionamento da capital e todo se encaniza com a vinda constante, pirã cidade, de gente de todas as regiões do país. O caso tem muito que se lhe diga, mas num ponto me não nego em a dar toda a razão a *Um alfacinha*. E' quando ele denuncia o que há de laracha, de representação, de inutilidade, nisso a que se convencionou chamar Congressos Regionais — constituídos quasi totalmente por proprietários absenteeistas. Sem papas na língua, lá diz *Um alfacinha* que tais reuniões «não passam de uma manifestação exhibicionista ou com fins acenadamente políticos» e acrescenta que «na verdade se não pode compreender que os provincianos queiram engrandecer as suas terras, depois de as terem abandonado ingratamente».

A questão é tratada assim um pouco pela rama e isso nos dá margem a uns breves reparos. A vinda para a capital dos proprietários, desses que peroram e tropejam (às vezes até chovem) nos congressos regionais, desses que abandonaram as suas fazendas para se lançarem no parasitismo político é que determina forçosamente o êxodo das populações provincianas que acorrem à capital ou emigram para as Américas em busca do trabalho que não encontram nas suas terras.

Porque os proprietários que lho podiam dar andam arredados, em cada dum lugar em S. Bento ou dum assento no Terreiro do Paço, desprezando e deixando improdutivo, nas regiões donde vieram, riquezas imensas. Se se tratasse a valer desta questão dos proprietários absenteeistas, ou dos que deixam ao abandono, sem cultivá-las, as terras que possuem — se se tratasse a valer disso, mordendo embora um bocadinho no «sagrado direito» da propriedade privada, fique *Um alfacinha* certo de que a situação do país se modificaria sensivelmente e em pouco tempo. Mas como quer que *Um alfacinha* passe sobre o complexo problema como gato sobre brizãs, ali o temos a propor «o degrado, para as suas terras», dos provincianos, sem distinção de classes, que se encontram em Lisboa, esquecendo-se, o estimável proponente, de que lisboetas é coisa que não há, que nunca existiu senão excepcionalmente. Tenho feito dezenas de vezes esta experiência, e aconselho *Um alfacinha* a fazê-la também, pois encontrará os mesmos resultados: estou, por acaso, em presença de algumas dezenas de indivíduos, ou se trate de fim de banquete ou de liquidação de assembleia, e intencionalmente trago a lume esta questão da naturalidade dos que habitam Lisboa. Vai-se a ver: em cada dezena sou um ou dois nascidos em Lisboa, e esses mesmo, pobres deles, vieram de mãe e pai provincianos! Raro é topar-se com excepções a esta regra. As capitais são fornais imensas, onde rapidamente se esterilizam e comburam as energias individuais que nela se concentram, irresistivelmente atraídas. Quissee eu fazer neste momento um pouco de poesia e diria que a cidade era a chama de perdição — credo, sr. António Botol — aonde acorrem as borboletas e os zangãos da provincia, deslumbrados, a queimar as azas do seu sonho. Em França se organizaram estatísticas por meio das quais veio a averiguar-se que as famílias idas para Paris se extinguem, em média, à quarta geração, não chegando a mais as suas faculdades proliferantes. Em Portugal suponho eu que não há estatísticas deste género; mas estou em dizer que, se as houvesse, notaríamos uma consumição ainda mais rápida das forças que a provincia envia — pois em Lisboa vive-se muito pior do que em Paris, e trabalha-se mais e passa-se mais fome e o conforto é nenhum. Aqui tem *Um alfacinha* a prova evidente de que tirar a Lisboa os provincianos significaria deixar a capital às moscas. Os próprios relictos lisboetas que, em reduzido número, ali andam em trânsito, sucumbindo de tristeza em meio da desolação, em meio de Lisboa-Sahara, de Lisboa-Mar Morto. Banir os provincianos seria destruir todos os nossos políticos: e lá se nos ia o sr. Bernardino, que é do Brasil; o sr. Domingos Pereira mandá-lo-hiam para Braga; ou um pouco abaixo; e mestre Afonso passaria a

## QUE SE ESPERA?

### OS ENCLAUSURADOS

Presos abrangidos pela amnistia, que ainda estão na cadeia

A amnistia, tivemos ocasião de dizê-lo aqui, foi feita mais para os monárquicos do que para os outros presos que questões sociais ou económicas levaram às masmorras. Se nós, quizessemos seguir fielmente as nossas previsões, diríamos que a república se tornou fundamentalmente monárquica, porquanto temos observado que apenas os monárquicos lucraram com a benevolência dos governos republicanos. Aqueles que, apesar dos seus ideais mais avançados, tem exposto a vida pela própria república — são tratados com mais rispidez do que os reacçãoários.

Até a data em que escrevemos, apenas um resumo de número de operários que se encontravam enclausurados viu a luz da liberdade. Os outros lá continuam, privados de liberdade, como se realmente fossem bandidos perigosos à sociedade.

E' facto que mesmo alguns republicanos tem constatado o recuo que a república tem feito nestes ultimos tempos. Vê-se que mais depressa os governos da república se prosternam ante os reacçãoários confessos, do que se dispõem a praticar actos de verdadeira justiça para com os elementos avançados.

Retendo na cadeia operários sindicais e anarquistas a república, faz perante a observação mais imparcial, uma figura tristíssima.

No Lameiro, em Monsanto e noutras prisões ainda se conservam vários elementos ao ar livre detidos, alguns deles presos a ordem de monárquicos, monárquicos confessos, que a república não tem pejo em colocar à frente de certos serviços públicos.

Isto indigna, isto revolta as consciências mais pacíficas, aquelas consciências que, não sendo absorvidas por paixões baixas de partidarismo, colocam os seus ideais de justiça acima de tudo.

Há um caso que constitui um verdadeiro símbolo. E' o do António Nunes Canha, preso a ordem dos elementos reacçãoários de Alparça. Qual é o crime de que o acusam?

Não se sabe. Parece que lhe puseram a alcinha de bolchevista, ou coisa parecida. Crime não existe. Apenas os proprietários de Alparça conseguiram mandá-lo prender por ele andar a trabalhar dentro das oficinas das referidas empresas, a U. O. volvidos três meses sobre o dia da declaração da greve, entendeu que devia intervir no assunto e, para tal fim, procurou avisar-se com o presidente do ministério, tendo-o feito no último sábado. Expõe a seguir o resultado da entrevista que os leitores de *A Batalha* já conhecem.

O camarada Carlos Araújo refere-se depois à atitude dos grevistas e ao aspecto do movimento, que diz ser grandioso, tanto mais quanto é certo que é a primeira vez que no meio operário português se vêem tão intimamente ligados os operários intelectuais com os manuais, lutando, com um ardor desassombado e único, contra as prepotências e insidias dos mais fortes e temerosos representantes do capitalismo. Diz ainda que os grevistas se devem degosijar pelo facto de terem sido apodados de bolchevistas pelos srs. das empresas, visto que, se reivindicar uma melhor situação económica é fazer bolchevismo, não de facto bolchevistas os trabalhadores dos jornais.

Termina declarando que a organização operária saberá cumprir o seu dever, e espera que o conflito terminará com vitória para os grevistas, sendo as suas palavras coroadas com uma salva de palmas.

Faz depois uso da palavra o camarada João Pereira, que depois de ter palavras de lóuvar para com a U. O., cuja acção, ante o movimento dos trabalhadores de jornais, prova que a solidariedade operária não é apenas uma palavra, recorda um conflito ocorrido há precisamente 17 anos: a greve tipográfica de Abril de 1904, em que uma organização operária que pertencia à

Confederação Metalúrgica — despenhou um papel assaz antipático para com os camaradas então em luta, tendo sido, orador, o único componente desse organismo que protestou contra semelhante atitude, que por ser anti-operária o determinou a abandonar a referida instituição, tendo ido assegurar as camaradas tipógrafas a sua solidariedade de trabalhador consciente.

Tem frases de revolta contra as manobras de que as empresas jornalísticas se servem para dilacerarem vencer, dizendo que se é certo que neste momento lutam os grevistas por mais um pouco de pão, certíssimo é, também que lutam pela sua honra, que não querem ver manchada com um acto menos digno, visto que a seus filhos querem deixar um nome limpo. Volta novamente a referir-se à U. O., cuja acção enaltece, sendo no final das suas considerações muito aplaudido.

Júlio de Almeida, depois de fazer várias considerações sobre a marcha do movimento, manifesta também o seu desgosto pela intervenção da U. O., dizendo que o facto prova que a solidariedade entre os trabalhadores não é uma palavra vã, como supõem as empresas jornalísticas. Em seguida apresenta a seguinte moção, que é aprovada por unanimidade:

A assembleia, vendo com o máximo apreço a intervenção da U. O., no conflito e ouvindo a exposição que os respectivos delegados vieram fazer a propósito da entrevista que realizaram com o chefe do governo, resolver:

1.º Agradecer o resultado definitivo das demarches realizadas pela U. O.;

2.º Manter a atitude até agora afirmada: dando todo o seu apoio não só à Comissão Executiva do Movimento, mas também à U. O.

O camarada Raúl Silva faz várias consi-

## A GREVE DOS TRABALHADORES DOS JORNALIS

### A assembleia magna de ontem

Reuniu ontem, na Associação dos trabalhadores de jornais, Presidiu o velho jornalista Machado Correia, secretário das camaradas Manuel Soares da Costa, tipógrafo, e Eduardo Jorge, da Escola, o presidente agradeceu a sua vinda, o que muito o sensibilizou por lutar contra solidários e trabalhando para alcançar os seus fins — um pouco mais de pão — como nos primeiros dias do movimento. Deu em seguida a palavra ao camarada Lútero de Moraes, membro da comissão executiva, o qual disse que, embora não parecesse, o movimento estava a atingir o seu termo.

Transmitiu à assembleia uma conversa que tivera com alguém que priva de perto com os representantes das empresas jornalísticas, vindo a saber que o dr. sr. Augusto Soares está desparado em conseguir que as duas partes em litígio em breve cheguem a um acordo.

A. Vieira, pela comissão executiva, explicou a razão porque a U. O. entende dever intervir no movimento dos trabalhadores dos jornais, realizando, de acordo com a comissão executiva, uma entrevista com o chefe do governo. E' o resultado dessa entrevista que o secretário geral da U. O. vai expor à assembleia.

O camarada Carlos de Araújo agradece a forma como foram recebidos os representantes da U. O., que estão presentes, e diz que desde os primeiros dias do movimento dos trabalhadores dos jornais a U. O. vem acompanhando de bastante interesse todas as suas fases, o que de resto é lógico e natural. Porém, como disse que eram passados quasi três meses sem que houvesse probabilidades de que ele tomasse uma fase tendente à sua solução, visto que o governo mantinha a sua parcialidade para com as empresas jornalísticas, consentindo que os militares tipógrafos continuassem a trabalhar dentro das oficinas das referidas empresas, a U. O. volvidos três meses sobre o dia da declaração da greve, entendeu que devia intervir no assunto e, para tal fim, procurou avisar-se com o presidente do ministério, tendo-o feito no último sábado. Expõe a seguir o resultado da entrevista que os leitores de *A Batalha* já conhecem.

O camarada Carlos Araújo refere-se depois à atitude dos grevistas e ao aspecto do movimento, que diz ser grandioso, tanto mais quanto é certo que é a primeira vez que no meio operário português se vêem tão intimamente ligados os operários intelectuais com os manuais, lutando, com um ardor desassombado e único, contra as prepotências e insidias dos mais fortes e temerosos representantes do capitalismo. Diz ainda que os grevistas se devem degosijar pelo facto de terem sido apodados de bolchevistas pelos srs. das empresas, visto que, se reivindicar uma melhor situação económica é fazer bolchevismo, não de facto bolchevistas os trabalhadores dos jornais.

Termina declarando que a organização operária saberá cumprir o seu dever, e espera que o conflito terminará com vitória para os grevistas, sendo as suas palavras coroadas com uma salva de palmas.

Faz depois uso da palavra o camarada João Pereira, que depois de ter palavras de lóuvar para com a U. O., cuja acção, ante o movimento dos trabalhadores de jornais, prova que a solidariedade operária não é apenas uma palavra, recorda um conflito ocorrido há precisamente 17 anos: a greve tipográfica de Abril de 1904, em que uma organização operária que pertencia à

Confederação Metalúrgica — despenhou um papel assaz antipático para com os camaradas então em luta, tendo sido, orador, o único componente desse organismo que protestou contra semelhante atitude, que por ser anti-operária o determinou a abandonar a referida instituição, tendo ido assegurar as camaradas tipógrafas a sua solidariedade de trabalhador consciente.

Tem frases de revolta contra as manobras de que as empresas jornalísticas se servem para dilacerarem vencer, dizendo que se é certo que neste momento lutam os grevistas por mais um pouco de pão, certíssimo é, também que lutam pela sua honra, que não querem ver manchada com um acto menos digno, visto que a seus filhos querem deixar um nome limpo. Volta novamente a referir-se à U. O., cuja acção enaltece, sendo no final das suas considerações muito aplaudido.

Júlio de Almeida, depois de fazer várias considerações sobre a marcha do movimento, manifesta também o seu desgosto pela intervenção da U. O., dizendo que o facto prova que a solidariedade entre os trabalhadores não é uma palavra vã, como supõem as empresas jornalísticas. Em seguida apresenta a seguinte moção, que é aprovada por unanimidade:

A assembleia, vendo com o máximo apreço a intervenção da U. O., no conflito e ouvindo a exposição que os respectivos delegados vieram fazer a propósito da entrevista que realizaram com o chefe do governo, resolver:

1.º Agradecer o resultado definitivo das demarches realizadas pela U. O.;

2.º Manter a atitude até agora afirmada: dando todo o seu apoio não só à Comissão Executiva do Movimento, mas também à U. O.

O camarada Raúl Silva faz várias consi-

derações sobre a moção, dizendo confiar que os quadros tipográficos saibam continuar a repelir as propostas que arduamente lhe tem sido feitas, visto que se os grevistas continuarem a afirmar o seu espírito de resistência não de ser atendidas as suas reclamações.

Santos Silva apresenta uma proposta para que a comissão tome as necessárias medidas a fim de que uma vez dentro das oficinas todos os trabalhadores actualmente em luta, estes tenham a certeza de que ao seu lado não trabalharão indivíduos suspeitos. Sobre essa proposta falaram os camaradas Júlio de Almeida, João Ribeiro, Raúl Silva e João Pereira, afirmando o último, que, embora neste movimento não esteja a fazer qualquer jogo político, entende que nesta altura pode fazer uso de uma máxima do partido socialista, em que forma: «Quem não é por nós, é contra nós».

Por fim fala o camarada Carlos de Araújo, delegado da U. O., que diz sentir-se deveras satisfeito com a maneira inteligente e acertada como todos os trabalhos da sessão foram conduzidos.

O camarada presidente encerra a sessão agradecendo as amáveis referências que lhe foram feitas e afirmando que, sendo ele o mais velho e o mais antigo dos jornalistas presentes, apesar de já muito cansado, pelas lidas da imprensa, continuará marchando firmemente até ao fim do movimento, com a mesma energia do primeiro dia da greve. Termina levantando um viva à greve, que foi correspondido por toda a assembleia.

A solidariedade da classe operária

A Associação dos Impressores Tipográficos, em officio que enviou à comissão executiva do movimento, manifesta o seu desejo de que a greve dos trabalhadores dos jornais seja coroada de êxito, e apesar de ter há tempo contribuído do seu cofre com a quantia de 50\$00, fez chegar à mão do tesoureiro mais 30\$00 para ser reforçado o subsídio da greve.

O Sindicato Único Mobiliário entregou ao tesoureiro da comissão executiva a quantia de 50\$00, produto de algumas listas que fez distribuir pelas oficinas a favor dos trabalhadores dos jornais em luta, aguardando o resultado de outras listas que fez distribuir para o mesmo fim.

A crise na Construção Civil

Importante reunião

Com uma grande concorrência, reuniu ontem em assembleia magna o Sindicato Único da Construção Civil para tratar da situação melindrosa em que se encontra aquela numerosa classe, não só pelo aumento incessante do custo da vida, como pela crise de trabalho na indústria e as malévolas intencções do patronato.

Depois de constituída a mesa, fala Alfredo Lopes que se refere à crise que se avizinha e condena a atitude dos componentes da classe, que se tem mantido numa grande cobardia desde a última greve, arredados do sindicato, o que dá lugar à classe patronal achar-se em campo livre para esmagar os trabalhadores.

Falam também Joaquim Francisco, João Caldeira, João Francisco, João Jorge e outros camaradas que se referem por igual à falta de unidade da classe e à necessidade de se desenvolver a vida do sindicato para se poder impor às pretensões da classe patronal.

Foi apresentada pela comissão de melhoramentos uma extensa moção, que a assembleia aprovou por unanimidade, com as seguintes conclusões:

«Que se promova desde já uma intensa campanha no sentido de evitar que os nossos exploradores consigam pôr em prática as suas intenções;

que todos os camaradas conscientes fiquem desde já com a responsabilidade de conseguir que os operários que não são sócios do sindicato se associem imediatamente, e não consentirem, custe o que custar, que de hoje em diante se continue atrelando vilmente o horário, trabalhando mais de 8 horas;

que a comissão de melhoramentos vá junto do governo, fazendo-lhe sentir as graves consequências que as resoluções da classe patronal nos veem acarretar, no caso de se desenvolver a crise que aliás já começou e nos pretendam roubar o horário de 8 horas, actualmente em vigor;

que se reclame desde já do governo, para no caso da crise se estender a toda a classe operária da construção civil de Lisboa, a abertura das suas obras que se encontram fechadas e ainda a construção de novos edifícios públicos, a fim de empregar todos aqueles que se vejam sem trabalho, devendo o governo entregar as referidas obras por administração directa ao conselho técnico ou por comanda dos próprios operários;

que os operários que actualmente trabalham por conta do estado se comprometam a, de futuro, assistir a todas as reuniões para que forem convidados, de modo a dar à comissão a força moral que necessita, a fim de conseguir do governo, o que já não é sem tempo, mais um pouco de bem estar para si e para os seus».

*Rafael Carvalho*

